

A Biblioteca Municipal de Barcelos oferece este modesto trabalho em homenagem
a um acontecimento da vida da cidade — o cinquentenário da Casa de Saúde
de S. João de Deus. *Mário Vale Lima.* *aprovada em 30.5.78*

SEPARATA DE «O MÉDICO» N.º 1389
pp. 102-105, XXIX ANO — VOL. LXXXVII — 1978

SEP. 455
IMPrensa PORTUGUESA — PORTO

O EXEMPLO DE S. JOÃO DE DEUS NO CINQUENTENÁRIO DA CASA DE SAÚDE DE S. JOÃO DE DEUS DE BARCELOS

MÁRIO VALE LIMA ⁽¹⁾

C. M.
BARCELOS
BIBLIOTECA
54839

No Minho, ainda há poucos anos a Casa de Saúde de S. João de Deus de Barcelos era denominada entre o vulgo por «casa dos tolos» talvez por ser a maior das casas de internamento psiquiátrico da zona minhota e também por «casa amarela» devido à cor das paredes que sobressaíam no verde da paisagem circundante.

Quando alguém queria fazer chacota de um comportamento menos comum para a época dizia-se que «devia estar na casa amarela» e aqueles que por lá tivessem passado em tratamento, quando voltassem ao seu meio, ficavam referenciados com o rótulo daquela expressão pejorativa, o que significava para a maioria dos casos a perda do direito ao amor, ao trabalho e à participação social equitativa.

Os tempos não mudaram tanto quanto seria salutar: ainda hoje, quando se pretende atingir a personalidade de alguém, à falta de argumentos mais convincentes, afirma-se dele o facto de ter estado internado num desses hospitais como aquele de que vos falo.

Tais alusões carregadas de irónica humilhação constituíam um anátema social que rodeava os doentes mentais e os estabelecimentos hospitalares onde aqueles eram tratados afastadamente dos hospitais das outras especialidades médicas, transformando-os nos seres mais marginalizados e à doença mental numa

⁽¹⁾ Assistente da cadeira de psiquiatria da Faculdade de Medicina de Coimbra



*À Biblioteca Municipal de Barcelos ofereço este modesto trabalho em homenagem
a um acontecimento da vida da cidade — o cinquentenário da Casa de Saúde
de S. João de Deus. Mário Vale Lima. agradecido em 30.5.78*

SEPARATA DE «O MÉDICO» N.º 1389
pp. 102-105, XXIX ANO — VOL. LXXXVII — 1978

SEP. 455
IMPrensa PORTUGUESA — PORTO

O EXEMPLO DE S. JOÃO DE DEUS NO CINQUENTENÁRIO DA CASA DE SAÚDE DE S. JOÃO DE DEUS DE BARCELOS

MÁRIO VALE LIMA ⁽¹⁾



No Minho, ainda há poucos anos a Casa de Saúde de S. João de Deus de Barcelos era denominada entre o vulgo por «casa dos tolos» talvez por ser a maior das casas de internamento psiquiátrico da zona minhota e também por «casa amarela» devido à cor das paredes que sobressaíam no verde da paisagem circundante.

Quando alguém queria fazer chacota de um comportamento menos comum para a época dizia-se que «devia estar na casa amarela» e aqueles que por lá tivessem passado em tratamento, quando voltassem ao seu meio, ficavam referenciados com o rótulo daquela expressão pejorativa, o que significava para a maioria dos casos a perda do direito ao amor, ao trabalho e à participação social equitativa.

Os tempos não mudaram tanto quanto seria salutar: ainda hoje, quando se pretende atingir a personalidade de alguém, à falta de argumentos mais convincentes, afirma-se dele o facto de ter estado internado num desses hospitais como aquele de que vos falo.

Tais alusões carregadas de irónica humilhação constituíam um anátema social que rodeava os doentes mentais e os estabelecimentos hospitalares onde aqueles eram tratados afastadamente dos hospitais das outras especialidades médicas, transformando-os nos seres mais marginalizados e à doença mental numa

⁽¹⁾ Assistente da cadeira de psiquiatria da Faculdade de Medicina de Coimbra

cicatriz destruidora da face social e humana de quem tivesse que recorrer aos cuidados de tal «casa».

Quem trabalha em psiquiatria apercebe-se desse fantasma aterrador que ameaça o doente mental, manifesto pela repulsa do internamento nos hospitais psiquiátricos comuns, isto em contraste com a boa aceitação do internamento num serviço de psiquiatria dum hospital geral.

Recordo-me que nesses tempos a que me refiro, ao passarmos junto daquela grande «casa amarela», um sentimento de pena e medo nos saltava ao caminho. Tentávamos adivinhar como seria a vida dos que estavam por trás das grades tão severamente separados do nosso mundo.

Quando ali entrei pela primeira vez — já lá vão 17 anos, ia jogar futebol numa equipa da Juventude Escolar Católica; os irmãos cediam gratuitamente e de boa vontade o campo de futebol e respectivas instalações a quem pedisse, provavelmente orientados por uma correcta tendência de abertura à comunidade — ia preparado «de olho vivo e pé ligeiro» para qualquer contratempo que pudesse acontecer por ali, conforme implicitamente recomendavam as anedóticas divulgações que se faziam dos manicómios.

Posteriormente, e desfeito este medo injustificado, voltei por diversas vezes, juntamente com mais dois amigos, curiosos, a pretexto do futebol, a visitar o hospital.

Lembro-me, como se hoje fosse, daquelas caras que lá vi marcadas por uma horrível solidão de clausura intervalada apenas por um breve convívio da duração de um desafio de futebol de tempos a tempos.

No passado dia 29 de Dezembro de 1977, comemorou esta casa de saúde o cinquentenário da sua fundação, meio século de vida a cuidar de doentes mentais (cerca de vinte e oito milhares de doentes que por aqui passaram) concretizando deste modo o sentido das palavras proferidas pelo mordomo do hospital onde S. João de Deus, pai espiritual da Ordem Hospitaleira que tem o seu nome, havia sido internado com o diagnóstico de doente mental: «vai, meu filho, que em ti, ao menos, se há loucura, ela é tão doce que seria mister que a contagiasses e a estendesses por todos os reinos cristãos».

A VIDA E A OBRA DE S. JOÃO DE DEUS

Nasceu em Montemor-o-Novo, em 1495, e baptizaram-no com o nome de João Cidade. No local do nascimento foi edificado, em 1625, pelos Irmãos da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus, de nacionalidade espanhola, a igreja do Convento de S. João de Deus, actual igreja matriz daquela vila alentejana.

Quando tinha oito anos, um misterioso peregrino pernoitou em casa dos seus pais. Na manhã seguinte abalou o peregrino e o menino foi-lhe na pegada até Oropesa, vila espanhola próxima de Toledo. Este episódio tem importância na biografia de João Cidade porque, enquanto os biógrafos crentes o justificam como sendo um desígnio de Deus, outros, não crentes, falam desta fuga como significativa de sintoma de epilepsia, doença de que viria a sofrer aquele que dedicaria parte da sua vida ao conforto e tratamento dos doentes mentais e ele próprio um dia internado por doença mental.

Em Oropesa foi abandonado pelo peregrino e adoptado pelo maioral dos pastores do conde dessa vila. Seguiu a profissão do amo até aos 28 anos, idade em que decidiu fazer-se soldado, ingressando no Exército de Carlos V, rei de Espanha, então em guerra com Francisco I, rei de França. Já alistado, novo episódio lhe sucedeu, este delicado para o brio de um soldado: teve uma apartosa queda do cavalo em que montava, facto que é relacionado por alguns biógrafos com o seu mal epiléptico. Ainda outro acontecimento em campanha viria fazer-lhe mudar o rumo à vida: deixou-se roubar pelos soldados inimigos, o que lhe valeu a condenação à morte, pena comutada em seguida pela expulsão do Exército. Desiludido com este facto, abandona o sonho de triunfar na carreira das armas e regressou à pacatez de Oropesa. Mas pouco tempo suporta a calma desta terra. Alista-se novamente no Exército, desta vez para combater os Turcos. Nesta altura tem João Cidade 37 anos..

Feita a campanha contra os Turcos, regressa a Espanha por via marítima e o desembarque é feito na Corunha, Galiza. Daqui parte a visitar a terra natal, que já não via desde os 8 anos. Chegado lá, é informado da morte dos seus pais, ocorrida passado pouco tempo da sua fuga. Vai de novo para Espanha e logo passa ao Norte de África, onde se instala em Ceuta, traba-

lhando nas obras de fortificação da cidade, isto em 1535. Por pouco tempo se queda aqui, regressando a Espanha. Fixa-se agora em Gibraltar, com 42 anos, ganhando a vida como vendedor ambulante de livros.

Andando um dia a vender livros, teve uma visão que alguns biógrafos consideram mais um facto sintomático de epilepsia (as alucinações visuais de conteúdo religioso são comuns em certas formas de epilepsia). Nessa visão, um menino ostentando na mão uma romã encimada por uma pequena cruz brilhante, disse-lhe: «João, Granada será a tua cruz». (Granada em espanhol significa romã). Obedecendo a esta visão, muda-se para Granada, em 1536, onde se estabelece com uma pequena livraria. Um dia assiste a um sermão em que era orador João de Ávila (hoje santo); em dado momento daquele acto religioso, no meio da multidão silenciosamente atenta, tem uma crise de agitação psicomotora, que o leva a ser internado e tratado no Hospital Real, um dos que havia nesta cidade e que possuía dependências próprias para tratamento de doentes mentais.

Este acontecimento marca-lhe decisivamente a vida. Vai dedicar-se à humanização do tratamento de doentes psiquiátricos.

Para se compreender a grandeza desta tarefa é necessário descrever o tratamento a que eram submetidos os doentes mentais naquela época. Ouçamos, pois, o que diz um historiador destes factos, a propósito dos maus tratos infligidos a tal espécie de doentes: «Esses desafortunados sofrem a mais temida das misérias humanas, são mais maltratados do que os criminosos e reduzidos a um estado pior do que animais...»; ou esta outra descrição: «... como criminosos do Estado, são lançados em fossas, em masmorras, e deixam-se lá consumir banhados nos seus próprios excrementos, sob o peso de cadeias que lhes rasgam as carnes...».

Era esta a situação miserável para onde eram atirados os doentes mentais na época em que viveu S. João de Deus.

Haveria de ser Pinel quem se tornaria o mais conhecido dos inovadores do tratamento psiquiátrico, ao introduzir-lhe profundas modificações, quando, em princípios de século XIX, acabou com o encadeamento dos doentes internados em Bicêtre.

Porém, na história da humanização da doença mental, há que apontar com justiça como iniciador desse movimento, em condições seguramente mais difíceis e adversas que no tempo de Pinel, o nome de S. João de Deus, em todos os pontos de vista, incluindo a repressão exercida pela Inquisição sobre certas formas de loucura.

Determinantes, no entanto, foram as condições histórico-religiosas em que foi iniciada a obra de S. João de Deus. Ele vive em pleno movimento da Reforma Luterana — a partir de 1520, começam a circular as obras de Lutero, traduzidas em castelhano, e surgem congregações secretas de reformistas em Sevilha e Valladolid que viriam a ser aniquiladas pela fúria da Inquisição — e do correspondente início do movimento da Contra-Reforma católica, através da qual esta última procura responder factualmente às acusações de estéril burocratização conventual que lhe eram dirigidas pelo protestantismo. Com efeito, a dinamização das Confrarias e Irmandades com fim assistencial iniciadas nessa época constitui uma das atitudes de maior relevo político tomadas pela Contra-Reforma.

Foram estas condições objectivas que determinaram o florescimento do pensamento e obra de S. João de Deus.

Saído do hospital — onde permaneceu alguns dias como doente e vários meses como enfermeiro, tendo estado em reclusão e sido flagelado «com 50 mil açoites», conforme referem os cronistas — João leva consigo a vontade de fazer algo de bom por aqueles que, como ele, eram vítimas da crueldade dos tratamentos da época. Crueldade que frequentemente chegava a assumir a forma de expiação pela morte nas fogueiras da Inquisição, aparelho repressivo da Igreja a que pertencia.

Tinha então 44 anos. Concretiza esses planos fundando em Granada, à custa de esmolas, um hospital onde os doentes mentais aí recolhidos passaram a ser tratados de uma forma bem diferente da habitual, do ponto de vista técnico e sobretudo com dedicação e fraternidade, que são valores imprescindíveis a qualquer acto médico. Para S. João de Deus o tratamento do doente seria um acto de amor e não um acto punitivo como até aí acontecia para com os doentes mentais.

É nisto que se encerra a nobreza de espírito da personalidade de S. João de Deus, que suplanta toda a crítica dos que o retratam depreciativamente como louco. Essas inovações patenteiam-se, por exemplo, na posição assumida perante o problema da prostituição, procurando, dentro dos limites sociais do seu tempo, intervir na resolução de tal doença social, organizando aquilo que hoje chamaríamos um serviço de assistência social.

Entretanto, juntam-se-lhe aqueles que haveriam de ser os primeiros discípulos dessa cruzada, enquanto o crescimento do hospital obriga à sua transferência para outros locais com melhores e mais amplas instalações. Para a manutenção de obra de tal vulto João de Deus desloca-se a Valladolid, a fim de pedir ajuda à Côrte, que lhe é concedida. Tem nesta altura 53 anos. Entretanto, cai doente, sendo durante algum tempo acolhido no próprio hospital que fundara, depois é trasladado para casa de pessoa amiga onde morre em 1550, portanto com 55 anos.

Em 1690 é canonizado e em 1886 Leão XIII, tendo em conta a grandiosidade da obra dos Irmãos Hospitaleiros no mundo, proclamou S. João de Deus patrono dos hospitais e dos enfermos e em 1930 Pio XI proclama-o patrono dos enfermeiros e suas associações.

Os discípulos continuaram-lhe a obra e expandiram-na por todos os continentes.

Em 1602 fundaram o primeiro hospital em França. Deste país haveriam de ser expulsos pela revolução de 1789, regressando em 1823. Na Inglaterra fixam-se em 1880 e na Irlanda em 1882. Em 1605 fixam-se na Áustria e depois na Hungria e Polónia. Chegaram à América em 1596, fundando o primeiro hospital na Colômbia e às Filipinas em 1616. A partir daí a Ordem conheceu um período fecundo na América Latina, chegando a existir aí 57 casas. No entanto, este apogeu desagrega-se com as guerras de secessão do continente americano decorridas no século XIX. No início deste século um forte movimento de revivificação da Ordem ocorreu na América Latina levada a cabo pelos Irmãos de nacionalidade espanhola. No Canadá esta Ordem estabeleceu-se em 1927, nos Estados Unidos em 1941, na Austrália em 1947, ano em que se expandia por quatro continentes com um total de 177 estabelecimentos hospitalares, a que correspondiam 36 125 leitos.

A ORDEM DE S. JOÃO DE DEUS EM PORTUGAL

Aqui, a primeira casa foi fundada em 1606 em Montemor-o-Novo, pelos Irmãos de nacionalidade espanhola, que adquiriram o edifício onde naquela vila nasceu S. João de Deus. Em 1625 fundaram ali um convento-hospital e em 1629 edificaram em Lisboa outro hospital localizado onde hoje é a Rua das Janelas Verdes, transformado, durante a primeira República, em quartel da G.N.R. Durante as lutas da Independência (iniciadas em 1640) foram-lhes confiados vários hospitais e fundados outros, sobretudo ao longo da fronteira, com a finalidade de acudir às necessidades da guerra. Em Elvas fundaram o primeiro desses hospitais militares, com 500 camas, que permaneceu depois de terminada a guerra.

Em Monção também fundaram um hospital militar com 200 camas, em Almeida tinham um com 100 camas, em Campo Maior, no antigo convento das religiosas da Madre de Deus, instalaram um hospital militar com 100 camas.

Terminada a guerra (com a batalha de Montes Claros, em 1665) seguiram-se as fundações de vários outros hospitais.

Em 1681 passaram os Irmãos de S. João de Deus às colónias, fundando a primeira casa na ilha de Moçambique, depois em Goa, em 1685, no ano seguinte em Baçaim, em 1687 em Diu, e em 1693 em Damão. Em 1627 partiram para o Brasil.

No apogeu do desenvolvimento da Ordem, contavam-se em 22 as casas no continente e 11 nas colónias e ilhas adjacentes.

Em 1834, com a revolução liberal, dá-se a extinção das ordens religiosas em Portugal e a exclaustração dos seus bens, desaparecendo do nosso país os Irmãos da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus. Os conventos foram ocupados e convertidos em repartições públicas, quartés, etc.

Porém, em 1890, uma pequena comunidade voltou a estabelecer-se em Portugal, país onde a Ordem se tem mantido até aos nossos dias. Estabeleceram-se naquela data em Lisboa, e em 1892 fundaram um asilo para crianças abandonadas em Aldeia da Ponte, concelho de Sabugal, que encerrariam mais tarde. Em 1893, radicam-se no Telhal, concelho de Sintra, onde

abrem uma casa de saúde, a qual é hoje a casa-mãe da província portuguesa dos Irmãos Hospitaleiros de S. João de Deus. Fundaram, em seguida, em 1926, a casa de saúde de Trapiche (Funchal), em 1927 a casa de saúde de S. João de Deus, em Barcelos, e a de S. Rafael, em Angra do Heroísmo, e em 1928 a de S. Miguel, em Ponta Delgada, todas elas para tratamento de doentes mentais. Em 1945 fundaram o hospital ortopédico infantil de Montemor-o-Novo, para tratamento de deficientes motores. Finalmente, em 1957 fundaram nova casa em Vilar de Frades, concelho de Barcelos, destinada à ergoterapia de doentes mentais crónicos e anexa, do ponto de vista clínico-hospitalar, à de Barcelos.

Também nas colónias portuguesas os Irmãos se fixaram neste século. Em 1943 tomaram a seu cargo o Hospital Psiquiátrico de Marracuene, em 1944 a leprosaria do Alto Molocué e em 1971 construíram uma clínica psiquiátrica em Nampula, todos estes estabelecimentos hospitalares em Moçambique. Após a independência daquela antiga colónia, os Irmãos Hospitalares mantêm-se apenas em Nampula.

A CASA DE SAÚDE DE S. JOÃO DE DEUS EM BARCELOS

Em 29 de Dezembro de 1977 comemoraram os Irmãos Hospitaleiros, com cerimónia simples e pouco noticiada, os 50 anos de vida daquela casa. No passado dia 10 de Março completaram-se os 50 anos de funcionamento clínico daquela casa de saúde. Foi, com efeito, em 10 de Março de 1928 que deu entrada o primeiro doente (um oligofrénico) para tratamento — o primeiro dos vinte doentes que nesse ano ali foram internados com os seguintes diagnósticos clínicos: 3 oligofrenias, 6 psicoses maniaco-depressivas, 8 esquizofrenias, 1 alcoolismo, 1 paralisia geral, 1 demência senil.

Em 1976, último ano de existência de estatísticas, havia no fim do ano 596 doentes (incluindo os do anexo de Vilar de Frades) assim distribuídos por idades: dos 15 aos 24 anos, 182; dos 25 aos 44 anos, 310; dos 45 aos 64 anos, 104 doentes. Todos eles do sexo masculino, pois este estabelecimento só recebe doentes deste sexo.

Durante esse ano foram tratados neste estabelecimento psiquiátrico 1159 dos 23 030 doentes mentais tratados no Continente e Ilhas, assim repartidos:

— oligofrenias	191
— psicopatias	9
— psicoses maníaco-depressivas	149
— psicoses simples (esquizofrenia, paranóia, etc.)	557
— epilepsias	33
— psicoses orgânicas	22
— psicoses sintomáticas	1
— psicoses exógenas (alcoolismo e outras)	195
— psiconevroses	2

Prestam ali serviço 10 médicos (3 psiquiatras, um neurologista, 2 clínicos gerais, 1 cirurgião, 1 estomatólogo, 1 analista e 1 anestesista) e 22 enfermeiros, estes religiosos.

Este é o maior estabelecimento hospitalar da província do Minho, havendo além deste para internamento psiquiátrico, as casa de saúde da Gelfa (para internamento de doentes do sexo feminino) e Paredes de Coura (para doentes de ambos os sexos), estas duas no distrito de Viana do Castelo, e a casa de saúde de Nogueiró (para doentes do sexo feminino dirigida por religiosas) no distrito de Braga.

S. JOÃO DE DEUS: O CRISTIANISMO E O SOCIALISMO

Da reflexão actual sobre S. João de Deus extraímos o valor universal contido no objectivo da sua obra: minorar o sofrimento dos explorados e desprezados.

A via que seguiu para se realizar como homem, que encontra o sentido da vida entre os outros homens, foi a criação da obra de assistência que haveria de ser extraordinariamente engrandecida pelos seus discípulos, escolhendo a caridade cristã como fonte de inspiração espiritual para tal obra.

Hoje a luta de libertação dos explorados. não se tornando incompatível com a caridade individual, ultrapassa-a até ao ponto onde se inscrevem como direitos

colectivos aquilo que se ficava por meras boas-vontades individuais.

É disso exemplo a reivindicação do direito à assistência na doença proclamada nas lutas sindicais dos assalariados da sociedade capitalista em substituição da caridade de cuidar os enfermos proposta como uma das catorze Obras de Misericórdia da religião cristã.

Numa época como a actual, em que as relações de fraternidade humana perante a desgraça da doença tendem a perder-se no profissionalismo cada vez mais desumanamente tecnocratizado, apesar da concretização formal daquelas reivindicações, constituiria má-fé ideológica omitir ou minimizar a filantropia daqueles que através do sacerdócio religioso realizaram uma obra de assistência como a que nos mostra a história da Ordem Religiosa dos Irmãos Hospitaleiros de S. João de Deus.

Mas, infelizmente para a Humanidade, o cristianismo como moral primeiro, ou como doutrina social depois, não foi capaz de acabar com o sofrimento resultante da exploração do homem pelo homem, antes pelo contrário serviu muitas vezes de manto para encobrir a praça onde os mais nobres valores humanos são sacrificados às leis da luta fratricida.

O projecto cristão está hoje mais próximo do socialismo científico do que do capitalismo, mesmo quando utopicamente intervencionado pela doutrina social da Igreja.

Por isso aqueles para quem hoje o exemplo de S. João de Deus continua a ser a chama espiritual das suas vidas não podem, com verdade, opor-se aos passos da revolução socialista nem sequer temer-lhe as consequências.

A manutenção da ordem económico-social do capitalismo é incompatível com a revigoração dos ideais do cristianismo prosseguida hoje pelos cristãos.

Por esse motivo, inserindo no actual momento político da história portuguesa a data celebrada pelos Irmãos Hospitaleiros de S. João de Deus de Barcelos, tem, a meu ver, um significado concreto transcrever aqui parte de uma carta de D. Helder Câmara, actual arcebispo do Recife, ao eminente pensador revolucionário socialista Roger Garaudy: «O próximo passo a dar, para nós cristãos, é que se proclame publicamente que não é o socialismo, mas sim o capitalismo que é 'intrinsecamente perverso' e que o socialismo só é condenável

nas suas perversões. E para si, Roger, o próximo passo a dar é mostrar que a revolução não está ligada por um laço essencial, mas apenas por um laço histórico com o materialismo filosófico e com o ateísmo, e é, pelo contrário, consubstancial do cristianismo».

BIBLIOGRAFIA

Acção Médica, ano XV, n.º 58-59, Outubro 1950 a Março de 1951.
BROCHADO, Costa — S. João de Deus, Portugália Editora, Lisboa, 1959.

FILIFE, Nuno Ferreira, O. H. — Um homem que soube amar — Telhal, 1972.

GIORDANI, Igino — S. João de Deus, Edições Paulistas, Lisboa, 1950.

HÜNERMANN, Guilherme — O Mendigo de Grande; Vida de S. João de Deus. Editora Vozes Limitada, Rio de Janeiro, 1967.

que são parciais. E para a Roda a próxima sessão
de 1921, a 1.ª de Maio, não está ainda por um
lado, e para a 2.ª de Maio, não está ainda por
outro lado, e para a 3.ª de Maio, não está
ainda por um lado, e para a 4.ª de Maio, não
está ainda por outro lado.

1.ª de Maio, 1921. — 2.ª de Maio, 1921. — 3.ª de Maio, 1921. — 4.ª de Maio, 1921.

1.ª de Maio, 1921. — 2.ª de Maio, 1921. — 3.ª de Maio, 1921. — 4.ª de Maio, 1921.

1.ª de Maio, 1921. — 2.ª de Maio, 1921. — 3.ª de Maio, 1921. — 4.ª de Maio, 1921.

1.ª de Maio, 1921. — 2.ª de Maio, 1921. — 3.ª de Maio, 1921. — 4.ª de Maio, 1921.

1.ª de Maio, 1921. — 2.ª de Maio, 1921. — 3.ª de Maio, 1921. — 4.ª de Maio, 1921.

1.ª de Maio, 1921. — 2.ª de Maio, 1921. — 3.ª de Maio, 1921. — 4.ª de Maio, 1921.

1.ª de Maio, 1921. — 2.ª de Maio, 1921. — 3.ª de Maio, 1921. — 4.ª de Maio, 1921.

1.ª de Maio, 1921. — 2.ª de Maio, 1921. — 3.ª de Maio, 1921. — 4.ª de Maio, 1921.

1.ª de Maio, 1921. — 2.ª de Maio, 1921. — 3.ª de Maio, 1921. — 4.ª de Maio, 1921.

1.ª de Maio, 1921. — 2.ª de Maio, 1921. — 3.ª de Maio, 1921. — 4.ª de Maio, 1921.

1.ª de Maio, 1921. — 2.ª de Maio, 1921. — 3.ª de Maio, 1921. — 4.ª de Maio, 1921.

1.ª de Maio, 1921. — 2.ª de Maio, 1921. — 3.ª de Maio, 1921. — 4.ª de Maio, 1921.

1.ª de Maio, 1921. — 2.ª de Maio, 1921. — 3.ª de Maio, 1921. — 4.ª de Maio, 1921.

1.ª de Maio, 1921. — 2.ª de Maio, 1921. — 3.ª de Maio, 1921. — 4.ª de Maio, 1921.

1.ª de Maio, 1921. — 2.ª de Maio, 1921. — 3.ª de Maio, 1921. — 4.ª de Maio, 1921.

1.ª de Maio, 1921. — 2.ª de Maio, 1921. — 3.ª de Maio, 1921. — 4.ª de Maio, 1921.

1.ª de Maio, 1921. — 2.ª de Maio, 1921. — 3.ª de Maio, 1921. — 4.ª de Maio, 1921.

1.ª de Maio, 1921. — 2.ª de Maio, 1921. — 3.ª de Maio, 1921. — 4.ª de Maio, 1921.

1.ª de Maio, 1921. — 2.ª de Maio, 1921. — 3.ª de Maio, 1921. — 4.ª de Maio, 1921.

1.ª de Maio, 1921. — 2.ª de Maio, 1921. — 3.ª de Maio, 1921. — 4.ª de Maio, 1921.

biblioteca
municipal
barcelos



54839

O exemplo de S. João de
Deus no cinquentenário da casa